



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SCHEYLAZART PRESCILIANA RIBEIRO**

**Entrevista**

**2015**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-639

**Entrevistada:** Sheylazarth Presciliana Ribeiro

**Nascimento:** 24/12/1978

**Local da entrevista:** EEEFTO/UFMG – Belo Horizonte

**Entrevistador/a:** Luiza Aguiar dos Anjos

**Data da entrevista:** 22/10/2015

**Transcrição:** Adriana Zimmermann

**Copidesque:** Adriana Zimmermann

**Pesquisa:** Pamela Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 27 minutos e 59 segundos

**Páginas Digitadas:** 10 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Doutoranda em Estudos do Lazer; Universidade Federal de Minas Gerais; Mestrado em Estudos do Lazer; Especialista em Educação Escolar; Universidade Gama Filho; Graduação em Educação Física; Centro Universitário de Sete Lagoas; Programa esporte e Lazer da Cidade; Formação de agentes sociais; Trajetória profissional; Envolvimento com temática do lazer

Porto Alegre, 22 de outubro de 2015. Entrevista com Sheylazarth Presciliana Ribeiro a cargo da pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Olá, primeiro eu queria agradecer sua disponibilidade em ceder seu tempo para conversar com a gente. A primeira coisa queria que você falasse um pouco da sua formação.

S.R. – Eu sou formada em Educação Física aqui na UFMG<sup>1</sup>, fiz uma especialização em Educação Física Escolar pela Universidade Gama Filho, ela teve um curso aqui e eu fiz esse curso. O Mestrado em Lazer aqui das UFMG também e o Doutorado eu estou fazendo aqui. Fora isso eu tenho uma ligação muito forte com política pública porque eu já fui gestora do Programa Segundo Tempo, na cidade de Contagem aqui em Minas Gerais e foi nessa época que eu me interessei por começar a estudar, voltei fiz um mestrado. Eu estou fazendo doutorado nessa área de políticas públicas e o PELC<sup>2</sup> acabou sendo uma oportunidade de formação também, porque como eu trabalhava, vim para a universidade. Foi exatamente na época que a UFMG, que assumiu essa parceria com o Ministério do Esporte para ajudar na formação e eu comecei a participar do processo seletivo pela experiência que eu já tinha, mas evidente que são programas muito diferentes. Acabou que foi um braço da minha formação que veio das experiências que eu tive no programa.

L.A – E como é que o lazer entrou na sua trajetória, em que momento e de que forma?

S.R – Nossa é difícil explicar isso porque nem eu sei muito bem não. Eu sempre participei de grupos de jovens da igreja e essas ações acabavam sendo importantes porque a gente planejava eventos da ordem da juventude. A gente fazia brincadeiras e logo depois eu vim fazer Educação Física. Agora um ponto muito interessante é que o mercado da época que eu era estudante era muito legal para fazer colônia de férias, para fazer recreação, eventos, animação de festa. Trabalhei muito nessa época, só que acabou que eu passei no concurso público de professora de Educação Física e eu fui atuar na escola. Na escola, o lazer entrava como conteúdo das aulas que eu trabalhava, mas eu era professora de Educação

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

Física de formação. Depois eu acabei indo pra ACM, a Associação Cristã de Moços, e a ACM fazia intercâmbios culturais para trabalhar com recreação, mas os estudos do lazer só aconteceu por causa da política pública de esporte e lazer que eu fui trabalhar em Contagem. Foi por isso que eu sistematizei e sabia que tinha um grupo aqui que chamava POLIS<sup>3</sup>, ele ainda existe. O POLIS me recebeu e a gente começou a fazer estudos de política pública de esporte e lazer e tinha uma linha de pesquisa do mestrado que abarcava essa temática. Eu me especializei nessa linha exatamente por essa trajetória, a influência do lazer não necessariamente influenciou os meus estudos, mas foi muito mais essa política pública que influenciou meus estudos no lazer.

L.A – E você falou que iniciou no PELC a partir desse edital. Me fala um pouquinho desse seu início, como é que você foi preparada para ingressar e o que te motivou a ingressar nesse programa.

S.R – Eu percebi quando comecei a trabalhar nas prefeituras que a atuação de um gestor ele pode ter, não é que ele tenha mais alcance que de um professor, mas a gente vê resultados mais claros do que o de um professor. Eu não sei se foi essa relação um pouquinho de ansiedade de ver os resultados que me fez apaixonar com a ideia de estudar as políticas públicas e o Segundo Tempo foi um braço. Quando eu cheguei aqui vi essa oportunidade do PELC pois estava começando um trabalho nessa parceria do UFMG que era nova. Antes o Ministério tinha outro processo de contratação de formadores e quando eu percebi isso falei: “Eu quero entrar nesse grupo também.” Fiz uns estudos na época sobre o PELC, me organizei e consegui passar nesse edital e fui selecionada. Foi muito legal porque os estudos que a gente tava fazendo aqui na UFMG no mestrado tinham muita relação com os estudos de formação de agentes sociais do Programa. Eu estava trabalhando com a formação dos profissionais; formação dentro da política pública e entrei em um grupo de formação de agentes sociais, ou seja, a formação também na política pública e a grande ideia disso, a grande sacada era que a política pública não podia ser de qualquer jeito. Ela precisava ter uma organização, uma sistematização para atingir as pessoas que estavam trabalhando com os beneficiários senão o esporte ou o lazer ou a oficina que fosse oferecida, por exemplo, no PELC seria parecida com qualquer outra. Tinha uma questão

---

<sup>3</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas, Educação e Cidadania.

política envolvida e essa questão era muito ligada a ideias revolucionárias, então, assim, há teorias que mostram que existe condição de transformar uma realidade. E é exatamente essas teorias que a gente estava verificando, assimilando, entendendo aqui na Universidade, no mestrado, e que a gente estava conseguindo também por em prática lá no Programa. Então para mim foi uma combinação e, na época, casou perfeitamente. Isso me ajudou a compreender que eu queria meio que trabalhar com isso mesmo.

L.A – E me fala do processo da formação em si. Você recebeu também uma formação para os formadores, como que era essa formação e ainda como é que isso se faz.

S.R – A formação ela é constante, a gente normalmente se encontra duas vezes por ano para fazer encontros e conversas e diálogos; a gente sempre dialoga, existem grupos de WhatsApp<sup>4</sup> que a gente vai conversando, existem encontros via Hangout<sup>5</sup> que a gente faz e vai conversando também sobre as questões de formação. A formação dos formadores para mim ela é um ponto fundamental porque se a gente estanca as transformações também estancam. O formato da programação que a gente é obrigado a fazer, todos esses documentos exigem um cuidado especial, então, a gente tem que estudar. Toda vez que eu recebo uma formação para auxiliar o município ou o governo estadual ou a universidade eu tenho que me debruçar sobre que tipo de convênio é aquele, como se organiza, quais são as relações daquele convênio com o Ministério, o que ele já vem produzindo, se ele já teve PELC, se ele já teve outro programa, se não teve... A gente faz uma busca geral no município que leva a gente a conhecer algumas realidades e outras ações que o município já executa de política pública. Esses estudos às vezes ajudam o município mas a gente também entende que nem sempre a gente dá conta de tudo e a formação, para mim, se dá na formação do formador. Se dá nesses dois sentidos: tem as ações que são executadas aqui dentro, coordenadas e organizadas pelo pessoal da UFMG que a gente chama esses encontros de formadores e tem os encontros que são virtuais. Toda vez que a gente vai na formação com outro formador a gente acaba compartilhando estratégias de trabalho, compartilhando textos, materiais mesmo e também conhecimento. A gente ouve o outro falar e percebe uma nova forma talvez de ministrar ou de falar de um determinado

---

<sup>4</sup> Aplicativo de comunicação.

<sup>5</sup> Aplicativo de comunicação.

conteúdo. Acho também que os documentos que a gente tem que produzir, eles de certa forma podem, eles têm possibilidade de ser uma formação, ajudar a gente na formação.

L.A – E que tipos de atividades você desenvolve e como você costuma realizar dentro das suas formações. Qual a forma que você utiliza para poder fazer a formação diretamente nos núcleos?

S.R – Primeiro eu tento entender, se eu não conheço a cidade, eu tento interpretar ela um pouco melhor. Eu converso muito com os coordenadores antes de montar a programação, eu tento fazer isso tudo em conjunto e quando chego lá eu evito tentar levar uma coisa pronta. Então eu tento construir muito com eles, principalmente a parte das ideias que a gente tem da educação popular que rege o nosso programa. Essa ideia faz muito sentido dentro do contexto do PELC, não dá para separar a formação das diretrizes do Programa e da ideologia dele. A ideologia dele é que a gente acredita que o lazer tem uma capacidade de, junto com outras políticas públicas, fazer com que a pessoa possa ter um acesso aos seus direitos e isso tem que ser fortalecido na nossa formação para que os agentes também percebam que além deles terem direito, a população também tem. O vínculo da educação popular para que eu escolha as metodologias, por exemplo, de construção coletiva parte desse princípio do lazer como direito, então, quando eu chego para a formação eu tento conversar com os agentes, conversar com os coordenadores, conversar com a coordenação geral e montar esse mapa. Ou seja, como que vai acontecer toda a organização da formação. Agora a gente tem quatro módulos de formação, nesses quatro encontros que a gente vai ter, além de tudo influencio muito para que eles façam as atividades de EAD, a Educação à Distância. Nesse encontro que a gente organiza cada ação que eu escolho, a formação voltada para aquela realidade, então por exemplo, tem lugares eu já fui que o curso foi totalmente expositivo porque eu percebia que eles tinham uma demanda por algumas informações e a lógica escolar que estava vinculada à universidade para eles funcionava muito bem com as aulas expositivas. Eu dava textos e mandava os artigos antes para eles lerem e eles liam, sabe! Isso era muito interessante. As universidades, por exemplo, eu tento atingir o perfil daquele grupo que está lá. Quando eu vou eu tento entender qual é o perfil, se são estudantes de Educação Física, aí a gente tem um outro perfil de agente. Ou seja, a gente tem que montar uma formação que tenha muitas dinâmicas, que sejam muito movimentadas. Eu faço muito teatro, passo filmes para

dialogar, levo textos... Com os textos alguns eu consigo ter sucesso, outras vezes não. Tem variações: se o agente é da comunidade eu deixo eles falarem muito porque eles tem uma experiência gigante, então, eu tento fazer uma formação muito de escuta para perceber como que é a comunidade. E aí eu vou tentando implementar os elementos do Programa, as diretrizes dentro desse processo, então, varia muito do agente e a grande vantagem do PELC é que eu tenho essa possibilidade, eu tenho essa liberdade de trabalho a partir do grupo e da necessidade dele.

L.A – E você atua no Programa Vida Saudável e no Programa Comunidades Indígenas e Polos Tradicionais ou os núcleos que você atuou foram só os específicos do PELC?

S.R – Não, eu já atuei em todos.

L.A – E que diferenças você identificou no processo de formação nesses espaços?

S.R – Pois é, as diferenças são muito grandes. De fato, isso também foi uma dificuldade que eu tive que me capacitar melhor pois para cada tipo de PELC as leituras são completamente distintas. Quando a gente vê a construção do direito do idoso, a construção do direito do indígena ou dos quilombolas ou dos ciganos ou dos outros grupos das comunidades tradicionais, eles foram através de uma luta diferente de, por exemplo, de como a gente encontra a construção do PEL que a gente vai chamar de urbano que é para todas as idades. Então a gente tem que trazer à tona essa luta que foi a constituição de um programa para eles. Eles não ganharam, foi a luta que gerou uma ação, uma política pública que hoje é pensada para essas pessoas especificamente. Eu tenho clareza que quando eu vou falar de PELC Comunidades Tradicionais eu tenho que levar um histórico distinto, para os idosos um histórico distinto, uma possibilidade distinta. E outra coisa: uma realidade de esporte e lazer distinta também. Por exemplo, a gente trabalha com prevenção e quedas, com a ideia de saúde e qualidade de vida muito mais, eu pelo menos, atuo muito mais no PELC Vida Saudável do que no PELC Urbano ou no PELC Comunidades Tradicionais. Então os conteúdos vão ganhando dimensões diferentes também, evidente que também a partir dos agentes. Se eu chego, por exemplo, para trabalhar com o PELC Vida Saudável e são profissionais ou estudantes de Educação Física que já tem estudos ou que estão em grupo de estudo na faculdade que já trata daquilo, então, a gente tem que



fazer uma leitura. Assim, às vezes, eu não falo de prevenção e quedas e vou falar de uma outra coisa que eu acho que é mais importante para aquele grupo. A gente vai estudando a realidade e percebendo em que ponto que a gente pode ajudar melhor os agentes a se relacionarem com a comunidade.

L.A – E como você tem visto os resultados ao longo do processo de formação entre os quatro módulos. Que mudança você destacaria nos núcleos de um módulo para o outro?

S.R – Eu não consegui ainda fechar um convênio com quatro módulos, mas eu já consegui fechar um convênio inteiro. Eu ainda não fiz nenhum AV1<sup>6</sup> e nem AV2<sup>7</sup>, então, eu não consigo distinguir bem. Antes a gente tinha um Módulo Introdutório em quatro dias e algumas pessoas achavam que era cansativo; outras pessoas achavam que tinha que ter mais dias porque elas não compreenderam ainda como era o Programa. Mas basicamente o que vejo, por exemplo, do Módulo Introdutório para o Módulo de Avaliação era o choque de realidade dos agentes; a gente vai ali com a teoria toda, interessante e tal, e daí para o do Módulo Introdutório 1 para o AV1 eles caem numa realidade ímpar. Eles falam assim: “Sheyla, nossa, mas não dá pra fazer isso.” Eu tive que resolver os problemas, então, o Módulo de AV1 é um módulo completamente de escuta porque eles estão ansiosos para falar, eles querem mostram o que eles encontraram na realidade e cabe a gente ouvir e tentar ajudá-los a resolver as questões que estão ali colocadas, especialmente para eles lembrarem qual é o objetivo do Programa. Porque muitas vezes eles se perdem no objetivo, eles acham assim não vão dar conta dessa oficina e não conseguem perceber que a oficina faz parte de algo maior, então, sempre estar *linkando* essas duas coisas é o caminho de busca para mim enquanto formadora. Do AV1 para o AV2 eu percebo que tem uma organização do núcleo; a maioria das falas do AV2 do Módulo de Avaliação 2 está relacionada à seguinte ideia: “Agora que eu consegui essa habilidade, o Programa acaba. Agora é que eu capturei o que é a gente tem que explicar.” E a gente vem com essa explicação desde o início, que o PELC é um programa que tem início, meio e fim; é um programa para que a comunidade se aproprie da lógica do direito e você tem que ajudar essa comunidade a se apropriar para que ela lute para que o programa continue. Mas essa ideia não é uma ideia fácil de capturar porque a pessoa também quer continuar

---

<sup>6</sup> Avaliação 1.

<sup>7</sup> Avaliação 2.

trabalhando, ainda mais se ela tem afinidade com a prática dela. Essa é a distinção maior entre os módulos: o Módulo Introdutório tem uma ideia, o Módulo de Avaliação tem anseios e debates sobre o que eles estão fazendo de certo e o que estão fazendo de errado e o Módulo Final tem uma ideia de experimentação, de experiência adquirida, que eu acho que é bem legal.

L.A – E você teve notícias de núcleos que você acompanhou como formadora ou de colegas que conseguiram manter a continuidade das atividades após o fim do convênio?

S.R – Sim, tem coisas que são interessantes. A gente agora tem que tentar estudar a ideia de municipalização; não é uma ideia fácil de ser abarcada porque falar de municipalização não é só continuar as ações. No meu entendimento é continuar as ações com o ideal do PELC pelo simples sentido. Tem muitas prefeituras que já fazem ações, mas que às vezes tem outro foco; o foco não está no direito social está, por exemplo, em adquirir um troféu, mostrar que o futebol da cidade é bacana, mostrar que os velhos estão perdendo peso, que os velhos estão indo menos ao hospital... Eu não estou desprezando nenhuma dessas ideias, eu acho elas super interessantes, mas a ideia do PELC parte da lógica de: “Olha é um direito conquistado então ele tem que ser dado independente dessas outras questões que possam vir a surgir em função dessa prática.” Municipalizar com a lógica do PELC eu conheço duas ações: uma ação que é a PLUG<sup>8</sup> Minas, de Ivoti<sup>9</sup> que a gente tem notícias e é a mais divulgadas entre nós formadores; a gente tem em Igarapé<sup>10</sup>, através de uma formadora também eu tive essa notícia; e eu estou esperando que tem uma cidade que chama Barroquinha no Ceará que está em eminência de aprovar o projeto porque eles não tinham na prefeitura a Secretaria de Esportes, não existia no organograma deles, então, em função do PELC a Secretaria surge e agora eles querem manter a Secretaria com essas pessoas. Eles estão organizando para que eles consigam fazer essas contratações. Tão logo eu tenha notícias, eu dou essas confirmações para vocês. Eu também estou na torcida por eles e, como eu fiz a formação lá, eu tenho um pouco a clareza de que houve um avanço muito grande. Eu eu fiz o AV1 e o AV2; eu não fiz o Módulo Introdutório deles, mas nesse grupo caiu muito bem na ideia do esporte enquanto direito, então, eu acho que lá se essas

---

<sup>8</sup> Programa Lazer Unindo Gerações

<sup>9</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>10</sup> Município do Estado de Minas Gerais.

peessoas conseguirem permanecer na prefeitura tal qual o Secretário, que também participou de alguns encontros, eu acho que as ações podem ser muito parecidas com a que o Programa deixou lá.

L.A – E como é o diálogo e a relação de vocês formadores presenciais com os tutores do EAD?

S.R – Eu acho que ainda tem que ter mais. Eu tenho mais esse diálogo porque eu faço curso de EAD, então, eu fiz essa busca porque não é obrigatório para gente que é formador. Outra forma que eu venho percebendo é ir nas formações, a gente acaba ficando amigo e tem pessoas que a gente conhece, então, essas pessoas que eu conheço a gente sempre dialoga. Por exemplo, aqui a gente tem a Cida<sup>11</sup> tem a Jenifer<sup>12</sup>, tem a Lidiane<sup>13</sup>, essas são pessoas que constantemente eu estou encontrando. A gente conversa e vai debatendo sobre o que tem acontecido no EAD, o que vem acontecendo nas formações. Por exemplo, se um curso de EAD que não dá certo ou se some muitos alunos; quando a gente volta da formação vai perguntando porque isso acontece e tal. Mas um diálogo que firme uma relação de debate ou de uma conversa mais formalmente ou mais legitimada isso a gente não tem. E aí eu vou ser sincera: não sei se existe essa necessidade também porque eu acho que são programas que a gente pode... São ações que a gente tem notícia até pelo agente que está fazendo o curso, ele dá essa notícia para gente. Então eu não sei se precisa colocar isso em formato de congresso, de fórum, não sei se tem essa necessidade. Eu vejo o que vem acontecendo, todos os encontros são coletivos e o pessoal de EAD tem tempo, tem uma fala também, mas a fala que eu vejo mais interessante é nessa conversa: “Você que está em tal grupo, você que ficou coma turma que atingiu mais gente de tal lugar, como é que está lá?” Então esse diálogo acontece também.

L.A – Tem outro tema fora os que estão incluídos dentro dos módulos que já estão previstos para que todos os formadores trabalhem que você busca incluir na formação e por entender que ele é importante? Como é que você faz a escolha dos temas para trabalhar?

---

<sup>11</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>12</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>13</sup> Nome sujeito a confirmação.

S.R – Eu até já expliquei isso um pouquinho, eu tento me pautar na ideia que o Ministério construiu coletivamente, até porque nós participamos da construção do Programa e a gente acaba tendo que legitimar um pouquinho desse conteúdo que está lá escrito. A gente também poderia inserir os conteúdos lá colocados, mas eu acho que a forma de escolher está muito relacionada à necessidade dos agentes de um determinado convênio. Por exemplo, convênios muito grandes, eu acabo seguindo muito as propostas que estão colocadas nas diretrizes do Ministério para a formação em função de não conseguir muitas vezes alcançar um grupo de, por exemplo, cinquenta pessoas na sala. A gente tem que ficar conversando e é muito complicado atingir ou entender todo mundo, então, a gente acaba se relacionando com o grupo. Eu sei que não dá pra atender todas as necessidades, mas em um convênio de um, dois ou três núcleos... Na verdade eu adoro os convênios de quatro núcleos que tem a quantidade de pessoas que eu posso ouvir bem e eles falam bem e a gente consegue partilhar informações muito bem. Nessas formações realmente escolho um filme melhor para aquela realidade, escolho uma temática, ou se, às vezes, a aula ia ser expositiva eu percebo que eles gostam de música então eu troco para uma música. Eu vou trocando ao longo da formação algumas metodologias, mas as temáticas acabam sendo contempladas, especialmente as temáticas que se relacionam com as diretrizes do PELC. Se a gente percebe, por exemplo, que um núcleo tem pessoas com alguma dificuldade de relação, como a questão homossexual, eu acabo me voltando muito para isso no núcleo, porque a ideia de direito perpassa por essa lógica. O que rege muito as minhas ações é tentar alcançar a ideia de direito junto com essas pessoas, mas de uma forma bem suave. Tento, a partir da lógica deles, mostrar que as outras pessoas também tem essa necessidade então, a metodologia, o conteúdo acaba sendo mais trabalhado ou menos trabalhado quando eu tenho essas percepções. Quando eu não tenho eu acabo abarcando mais a diretriz mesmo do Ministério.

L.A – Tem alguma outra coisa que você gostaria de registrar, que você ache importante e que eu não te perguntei?

S.R – Ai Luiza eu não sei [risos]. Deixa eu pensar... Olha, eu acho que o registro que eu tenho, que é quase um depoimento agora falando dessa forma é que, mesmo que eu tenho clareza que esses programas que a gente vem atuando, mesmo que a gente não dê conta de transferir a lógica de direito, de transferir o acesso para todos os beneficiários, de alguma

forma eu tenho percebido que a pessoa que mais sai mudada de todo esse processo é o agente. Eu acredito que é uma política pública a formação dentro do programa PELC, é evidente que por essas metodologias, por essa leitura que a gente tenta fazer, por estudos dessa realidade, que a gente tem conseguido tocar esses agentes sociais e inclusive construído uma identidade de agente. Tem pessoas, por exemplo, que eu conhecia do convênio do Recife, que lá tinha um grupo e também tem uma história muito bacana; era um grupo que já estava tentando construir uma luta pra legitimar essa figura do agente de esporte e lazer e essas relações, essa ideia de lutar essa ideia de transformar, essa ideia de mostrar que esporte e lazer são direitos a ponto de legitimar um novo cargo público, tem alcançado algumas pessoas. Eu acho que isso mostra uma possibilidade da gente ter uma sociedade um pouco diferenciada nesse processo de leitura do que vem sendo proposto nas grandes mídias ou pelo mercado. O lazer pode ser relido através desses agentes e eu acho que é por causa desse encontro que existe dos formadores do Ministério com essa leitura que eles construíram através de muita luta. E também da história do PELC dentro do Ministério é de muita luta, então, tudo isso vem mostrando que a sobrevivência do Programa Esporte e Lazer da Cidade tem muito sentido, principalmente quando a gente encontra os agentes ou você conversa com eles pela internet e mostram o que eles estão fazendo, as ligações que eles têm com a comunidade. Esse é um depoimento que eu quero deixar registrado porque a gente também tem que acreditar. Se o formador não acredita a gente não tem muito braço para atuar. Mas não é simples não!

**L.A** – MUITÍSSIMO obrigada pelo seu tempo e por nos conceder essa entrevista. Em nome do Centro de Memória do Esporte, eu te agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]